

Nietzsche em Bayreuth

Renato Nunes Bittencourt¹

NIETZSCHE, Friedrich. **Wagner em Bayreuth**. Trad. de Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

A publicação da *Quarta Consideração Extemporânea* de Friedrich Nietzsche, “Wagner em Bayreuth”, na competente tradução de Anna Hartmann Cavalcanti para a Editora Jorge Zahar, fornece enfim uma versão acessível desse valoroso ensaio aos pesquisadores lusófonos do pensamento do filósofo alemão, enriquecendo o cenário intelectual acerca do debate entre filosofia, música e cultura na obra nietzschiana. Em sua estrutura técnica, o livro conta com uma esclarecedora introdução assinada pela tradutora do ensaio nietzschiano, demonstrando o percurso intelectual de Nietzsche em sua afinidade com o projeto estético wagneriano; mais ainda, a edição apresenta, em anexo, um conjunto de sinopses das óperas wagnerianas comentadas pelo filósofo no decorrer de seu escrito; tal circunstância pode ser compreendida como um convite a, após lermos o texto nietzschiano, imergirmos profundamente no colossal mundo musical wagneriano.

No presente ensaio podemos partilhar da visão que Nietzsche fazia de Richard Wagner, tanto como o artista divisor de águas como o homem em sua singularidade criativa e existencial, elementos já prenunciados no decorrer de *O nascimento da Tragédia*: se neste livro, Nietzsche, após apresentar a gênese da cultura grega a partir da confluência do apolinismo e do dionisismo, defende a tese de que a ópera wagneriana seria a ressurreição da tragédia grega e do espírito trágico, recalcados durante séculos pelo advento da racionalidade teórica socrático-platônica, “Wagner em Bayreuth”, por sua vez, é uma espécie de continuidade do projeto valorativo e estético nietzschiano de instauração da uma nova era trágica na Modernidade. Nessas condições, Nietzsche proclama o nome de Wagner como se este fosse o novo Ésquilo, considerado justamente o dramaturgo mais fiel à pulsão dionisíaca manifestada pelos pensadores pré-socráticos.

Ao considerar Wagner como o sucessor moderno dos antigos gregos em seu período axiologicamente mais afirmativo, Nietzsche sofreria o desprezo do mundo

¹ Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ

acadêmico do filisteísmo cultural alemão do Oitocentismo, que encontrava um de suas vozes mais conservadoras no discurso da filologia clássica, gnosiologicamente retrógrada, revelando-se assim incapaz de aceitar qualquer tipo de discurso que destoasse da severidade dos empoados textos antigos: acima de tudo imperava o conformismo intelectual. No entanto, a causa da arte trágica estava acima das contingências eruditas e de sua obtusidade de olhar. O porvir glorioso justificaria todas as atribulações sofridas pelos gênios inovadores.

Wagner, aos olhos de Nietzsche, representa a glorificação da vida de artista, e o Teatro de Bayreuth é o templo sagrado onde a sociedade de gênios pode finalmente expressar adequadamente o seu potencial criativo, pois o espírito estético que anima o portentoso teatro é livre de toda influência estranha ao sagrado mundo da arte. Se outrora o gênio se submetia ao Estado e aos mecenas para obter os seus favores e o sustento cotidiano, em Bayreuth, o Estado e a sociedade se inclinam diante do poder transfigurador do drama musical, conduzido pelo poder superior do grande artista.

Nietzsche realiza no ensaio uma espécie de “psicologia do gênio”, analisando de que modo se tornou possível a concretização do ambicioso projeto wagneriano, compreendendo assim o processo de auto-superação pessoal que o compositor experimentou no decorrer de sua vida, para alcançar então o merecido momento de reconhecimento cultural pela sociedade alemã. Descrevendo organicamente a idealização e a realização do projeto do Teatro de Bayreuth e várias das óperas de Wagner, Nietzsche investiga os caminhos pelos quais o compositor criou a sua arte inovadora e a si mesmo se realizou como pessoa.

O Festival de Bayreuth, uma autêntica consagração das armas antes da batalha pela afirmação incondicional da cultura, da arte e da singularidade criadora, é a celebração da existência e a exaltação da casta dos gênios, fraternalmente unificada em torno da divina causa comum, a afirmação de uma arte possível de ser comungada pela classe artística. A conservadora ordem de mundo que impede o autêntico florescimento da vida criativa é energeticamente contestada em Bayreuth. Suas atividades são direcionadas para a apoteose dos gênios e das suas obras, e não para o deleite de um público ruidoso que submetia a força criadora do artista a caprichos estúpidos estranhos ao genuíno espírito estético.

A criação wagneriana manifesta um caráter poderosamente pedagógico, pois requer a educação de um público esteta, capaz de apreciar a obra de arte sem intrometer

nessa experiência estética elementos que violam a dignidade de tal fruição. Para tanto, é imprescindível que a comunidade estética seja transformada em suas bases existenciais, e uma das formas mais precisas para se realizar tal objetivo elevado consiste na possibilidade desse grupo conhecer efetivamente o gênio e sua força divina, daí a importância intelectual de “Wagner em Bayreuth”.

Posteriormente, Nietzsche afirmaria em suas obras de maturidade que, ao enaltecer a genialidade e o revolucionário projeto artístico de Wagner, em verdade estaria se referindo a si mesmo, isto é, expressando as suas expectativas sobre a possibilidade da cultura alemã oitocentista fazer renascer o antigo espírito trágico dos gregos em uma época histórica marcada justamente pela manifestação das suas mais grosseiras antíteses, o materialismo ordinário e o culto cego ao tecnicismo científico, expressões modernas da figura do “homem teórico”.

“Wagner em Bayreuth” é talvez a culminação de uma intensa relação de amizade entre Nietzsche e o compositor, abalada por vicissitudes pessoais e divergências estéticas, que fariam Nietzsche rever suas esperanças no papel vanguardista de Wagner como restaurador da cultura trágica dos gregos; todavia, apesar da posterior decepção cultural e existencial de Nietzsche em relação ao compositor em decorrência de sua submissão aos parâmetros axiológicos moralistas cristãos, a derrota não foi de modo algum aniquiladora, pois o âmago de seu objetivo filosófico, a formulação de uma visão de mundo trágica, permaneceria com toda a intensidade ao longo de sua trajetória intelectual. Esse viés justificaria assim a idéia de que tal ensaio e o próprio nome de Wagner nada mais eram que máscaras utilizadas como suporte para o seu extemporâneo projeto filosófico de transformação de nossa decadente civilização ocidental, orientada por um racionalismo ascético e por uma teleologia ética de cunho metafísico, por via da experiência dionisíaca que revitaliza todas as coisas. Wagner foi, então, um avatar de Nietzsche em sua elaboração da filosofia trágica, linha contínua com a sabedoria dos antigos gregos, que realizaram de forma primorosa a conciliação entre a arte e a vida.